

CIÊNCIA

Não tenha medo: os carnívoros coexistem aqui com os visitantes

Muitos de nós pensam que o melhor é mantermo-nos longe do urso-pardo ou do lobo-ibérico. *Reis da Europa Selvagem* quer mostrar que isso não é bem assim e que devemos saber partilhar o território com eles

Conservação da natureza Teresa Serafim

No início, só vemos pegadas. “São elas que nos dão muitas informações. Não é preciso chatear os animais, eles já nos contam uma história com elas”, diz Francisco Petrucci-Fonseca, presidente do Grupo Lobo, no começo da exposição *Reis da Europa Selvagem – Os Nossos Últimos Grandes Carnívoros*, inaugurada ontem. A exposição inicia-se com pegadas em painéis com os nomes científicos dos animais, não porque os carnívoros sejam assassinados e só podemos ver os seus rastos, mas porque as pegadas são uma forma de conhecer os seis protagonistas da exposição no Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Munhac), em Lisboa.

Feita a apresentação, é altura de conhecer as personagens. Na primeira das duas salas da exposição, estão exemplares naturalizados (embalsamados) destes animais: um urso que pode assustar os mais receosos, um lince com orelhas afiadas ou um lobo que até parece que está a uivar. Nas paredes encontram-se as identidades e características destes animais. E quem são eles? O lince-ibérico, o felino mais ameaçado da Europa, e o lince-euroasiático, o maior felino do continente europeu. Lá está também o lobo-ibérico, o último grande predador da fauna portuguesa, e o urso-pardo, o rei dos grandes carnívoros europeus. Ou ainda, um carnívoro mais conhecido no Norte da Europa, o glutão, que é a hiena do Ártico.

Porquê esta exposição sobre grandes carnívoros? “Já era tempo, porque todos já estiveram ameaçados de extinção e a pouco e pouco, com a vontade das pessoas, têm vindo a recuperar. Temos de coexistir com os animais”, conta Francisco Fonseca. “O fio condutor é mesmo a nossa coexistência com eles”, sublinha Cristiane Bastos Silveira, curadora da coleção de mamíferos do Munhac.

Esteve a ser preparada pelo museu e o Grupo Lobo. E como está a situação do lobo-ibérico em Portugal? No Parque Nacional da Peneda-Gerês e no Parque Natural do Montesinho, assim como na serra da Arada e na

zona de Trancoso, a população está estável. Já a sul do rio Douro, a população está estável, mas é pouco densa. “Qualquer coisa que se faça, pode pôr em causa a viabilidade deste núcleo”, frisa Francisco Fonseca. Mas, nesta exposição, a espécie mais ameaçada é o lince-ibérico, classificado como “criticamente em perigo”.

Continuemos pelos trilhos dos carnívoros. Na exposição, há mapas com a distribuição das espécies nos vários países, fotografias e um espaço de reflexão com imagens “mais sensíveis”, como atropelamentos. No final da primeira sala, há painéis sobre as ameaças que estes carnívoros correm. E como podemos fazer alguma coisa? “Exercendo a cidadania”, resume Francisco Fonseca.

Há ainda espaço para personagens secundárias: fazem parte do ecossis-

tema dos “reis da Europa selvagem” e muitos são as suas presas, como o coelho-bravo. Entre personagens secundárias e protagonistas, na exposição há 40 animais naturalizados. De onde vieram estes exemplares?

Cristiane Silveira conta que, no incêndio de 1978 na Escola Politécnica, se perderam as coleções zoológicas. Desde a década de 80 que a coleção de mamíferos do museu se foi formando com doações à Universidade de Lisboa, nomeadamente da Faculdade de Ciências. Muitos cientistas, depois do estudo dos animais, doavam-nos ao museu. O museu também foi adquirindo coleções de escolas secundárias. E há ainda uma novidade nesta exposição: uma doação de animais naturalizados feita pela família do engenheiro civil Valentim dos Santos, de Vila Franca de Xira e

que morreu em 1997. “Nesta coleção estão 26 animais dessa doação. Estes animais, que já foram de caça, ganham um valor científico para nós e para o público”, afirma a curadora.

Uma selfie com um urso

Pode ainda estar-se num montado com o lince-ibérico e numa montanha com o lobo. “Queremos mergulhar o público nos habitats dos dois grandes carnívoros da Península Ibérica”, desafia Cristiane Silveira, que aponta para dois dioramas criados pelo Munhac. É na última parte da exposição que tudo se torna interativo. Há pegadas coloridas no chão para seguir o rasto dos carnívoros. E num canto está uma clareira com livros sobre os carnívoros. Quem quiser uma recordação vai poder tirar uma selfie num cenário virtual com

os ursos da Cantábria, em Espanha. O cenário virtual irá mudar e serão incluídos outros animais naturalizados, tudo até Dezembro de 2019, quando terminará a exposição.

No fim, observem-se as paredes. Têm nomes comuns das espécies em várias línguas e expressões populares que todos já ouvimos, algumas agora depreciativas, como “lobo em pele de cordeiro”. “Não queremos apagar estas histórias, mas queremos construir outras”, diz a curadora. Francisco Fonseca já ouviu histórias sobre uma boa coexistência entre lobos e humanos. Para os lados de Bragança, alguém lhe terá dito: “O lobo é o pastor do pastor. O lobo obriga o pastor a tomar cuidados e não deixa fugir o gado.”

teresa.serafim@publico.pt



TAIGA NATURE



A.LANDA



B.KRISTIANSSON



H. ANDRÉN

Em cima, o lobo-ibérico e o glutão; em baixo, o urso-pardo e o lince-euroasiático